

Enfermagem Integrativa: Biofísica como Fundamento do Cuidado Ampliado



Glaucia de Souza Barbosa Soares

Enfermeira (COREN 101464). Mestranda em Ciências Quânticas, Consciência e Tecnologias Biofísicas (parceria Amit Goswami / Instituto Fernanda Ben / CUDEC-México). Pós-graduada em Biofísica Aplicada à Saúde (IFB). Especialista em Biorressonância (Quantum Bio) e Analista da Tecnologia Biofeedback Emorph. Pós-graduada em PICS, UTI e Auditoria em Serviços de Saúde. Responsável Técnica do Ambulatório Ceama-Iamspe (São José do Rio Preto/SP). Atua em consultório de Saúde Integrativa.

Sou enfermeira há 26 anos divididos entre prática hospitalar e ambulatorial, e algo que sempre me chamou atenção foi identificar que muitas queixas e sintomas persistem mesmo após exames bioquímicos apresentarem dados reais de normalidade. Há exatamente cinco anos, após o adoecimento de meu pai e minha sogra ao mesmo tempo, me deparei com uma terapêutica não convencional que respondeu às minhas inquietações: ao submetê-lo a uma consulta médica integrativa, com recomendações de ativadores frequências e homeopáticos, vi em poucas semanas o brilho voltar aos seus olhos e a voz autêntica retornar — em proporções que não consigo medir, só testemunhar. Foi nessa fronteira entre o sintoma sem causa aparente e a limitação do modelo biomédico que encontrei na Biofísica uma linguagem capaz de nomear o que a clínica sentia, mas ainda não sabia explicar.

O corpo humano é um sistema bioelétrico. Células comunicam-se por gradientes iônicos, biomembranas armazenam e liberam cargas, e o equilíbrio energético celular — sustentado pela produção de ATP — determina a capacidade adaptativa do organismo. Quando esse equilíbrio é perturbado, a manifestação clínica precede o marcador laboratorial. Reconhecer isso não é especulação: é fisiologia aplicada ao raciocínio assistencial.

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), respaldadas pela Política Nacional do SUS desde 2006 e pelo âmbito de atuação do enfermeiro estabelecido pela Resolução COFEN nº 625/2020, encontram na Biofísica sua sustentação científica mais consistente. Não se trata de substituir o olhar clínico tradicional, mas de ampliar o repertório diagnóstico e terapêutico do enfermeiro a partir da compreensão de como o organismo responde

aos estímulos — internos, externos, relacionais.

Na minha prática cotidiana, o uso de tecnologias baseadas em biofeedback e biorressonância revelou que a escuta do organismo — em sua dimensão biofísica — antecipa desequilíbrios que o exame convencional ainda não captura. O enfermeiro que domina esses fundamentos não abandona a ciência: aprofunda-se nela.

A transição que proponho não é filosófica — é operacional. Avaliar o organismo pela sua capacidade regulatória, e não apenas pela presença ou ausência de doença, muda a qualidade da decisão clínica. Muda a intervenção. Muda o resultado. E reposiciona o enfermeiro onde ele sempre deveria estar: na compreensão integral do ser humano sob seu cuidado.

REFERÊNCIAS

1. Durán JER. Biofísica: fundamentos e aplicações. São Paulo: Prentice Hall; 2003.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC-SUS).

Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

3. Conselho Federal de Enfermagem (Brasil). Resolução COFEN nº 625/2020. Atualiza a lista de especialidades de Enfermagem. Brasília: COFEN; 2020.